

TEXTO PARA O PINTOR MÁRIO SILVA

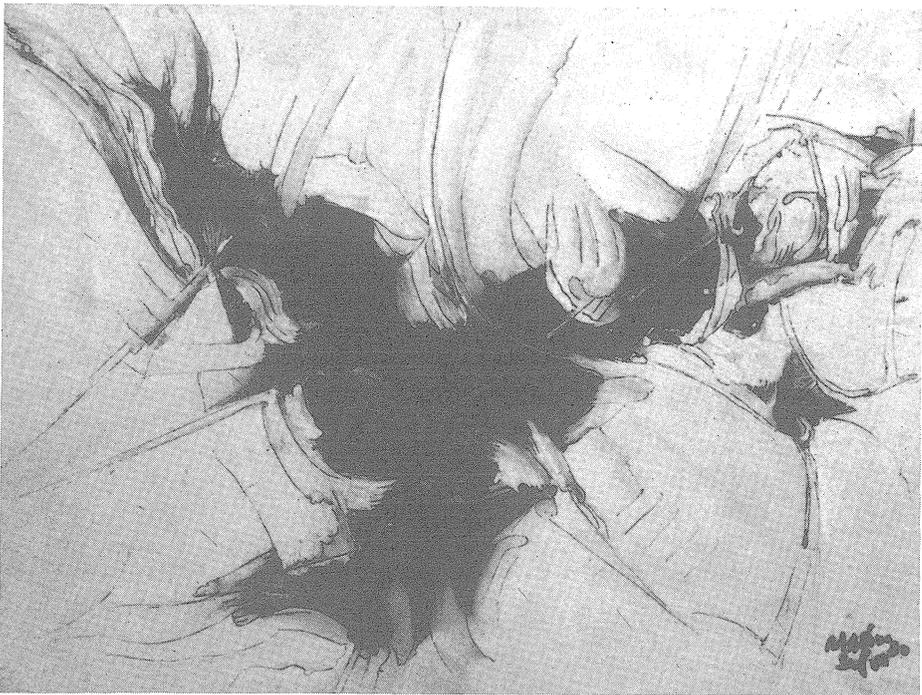
em lavos, perto do mar, corre uma estação semelhante ao inverno. veloz e indelével, como um tacto de luva que nem sequer chega a tocar as dunas onduladas. silenciosa, solene, como um nevoeiro branco descido sem aviso, com as suas ondulações verticais de pregas, junto às janelas. os pinheiros crivam-se de agulhas; e a ponta de cada uma destas está absolutamente imóvel, e brilha. só no quadro o mar se enovela, em inquietação para sair da moldura; mas na praia os tons das cristas, os novelos das ondas, estão lacados para sempre. e a suspeita de um ruído de fundo, se existe, pode ser apenas o da atenção desperta; ou o clamor das bocas que se refugiaram nas telas, e que agora estão encostadas umas às outras, impossibilitadas de se soltarem entre o claro-escuro da casa, só podendo gritar para dentro do passado, para trás de si mesmas.

seria difícil saber se é noite ou dia; se um raio de luz atravessa a sala e ilumina a mão a pousar-se, magoada de cores; ou se, no último andar, o firmamento se estende sobre a cama do pintor, como uma carta do cosmos que os seus olhos perscrutassem, à espera de um sinal, por mínimo, que indicasse o sítio da primeira mancha, o trajecto da linha inicial. entre as paredes mais afastadas da casa, onde correm, sem se fazer sentir, as passadas desencontradas que ali se sobrepuseram ao longo dos anos, só as figuras da expectativa se entreolham, baixando com inesperado pudor as órbitas nuas sobre corpos azuis. é uma atmosfera densa, de corredores concentrados sobre a sua missão, de cadeiras assentes sobre os seus estofos, de cabeleiras repuxadas para o fundo do gesto, acompanhando o movimento dos elos da madeira. é um momento em que todos os relógios coincidem numa fracção de segundo indecifrável, numa pontualidade exacta e ausente, como um desastre desconhecido.

seria talvez mais exacto recensar os traços firmes tombados junto aos vãos; os clarões que se acendem na divisão contígua; as atitudes da espera que se ocultam ao dobrar das esquinas; os frisos magníficos que talvez só o abrir das cortinas desvendasse; as linhas de fuga que sobem pelas escadas acima, na perseguição de pés invisíveis, e no entanto desprevenidos e deslumbrantes. seria talvez mais útil perceber como é que todos os indícios explodirão para dentro, para o interior da última obra que o autor prepara para que se venha a expor. que trajecto de veias encaminhará o braço decisivo para o gesto irreversível, que nervos espalharão tintas e óleos sobre a superfície por ora desconhecida, que rostos emergirão das fachadas batidas por um sol de palidez lunar, e que lua iluminará as catedrais que se dobrarão para o céu, numa atitude inalcançável pelo olhar.

mas é talvez tempo da atenção do texto se afastar da casa, recuando à medida em que esta se vai podendo ver em toda a sua extensão, com as janelas acesas, e o vulto nítido do pintor recortado em cada uma delas. como se a sua inquietação, dentro desse espaço íntimo, se quisesse desdobrar nas imagens da repetição, ou, pelo menos, alertar-nos para a luta que trava consigo próprio para, impondo a si mesmo um movimento acelerado, quase fictício, poder deitar mãos à obra.

Vítor Oliveira Jorge
Porto, 1999



Mário Silva. "Composição" – 1973, óleo s/ tela, 60 x 50 cm.